

1.

Introdução

Acredito em utopias (...) Sou negro por escolha.

Carlos Roberto Petrovich, novembro de 2002.

1.1.

Uma construção

A dificuldade de se tratar o tema do Racismo¹ não escapa ao mundo das universidades. Como parte da sociedade e reflexo de suas ideologias, nas universidades é tão difícil lidar com tal problemática como em qualquer outro lugar. Partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade racista e que a universidade é um microcosmo desta, assumimos que no seu interior se reproduzem as ações racistas contra a população afrodescendente² que são comuns na sociedade brasileira. À luz dessa reflexão, iremos estudar as histórias dos núcleos acadêmicos de estudos sobre a população negra no Brasil, que são conhecidos por NEAB's. Buscaremos ilustrar com evidências históricas que a ideologia racista está incrustada nas ações cotidianas e no senso comum das universidades, a exemplo do que ocorre na sociedade, constituindo-se em um dos principais entraves para o enfrentamento do Racismo no Brasil.

Muitas vezes, mesmo sabendo que esses núcleos se constroem a partir de uma demanda que existe na própria sociedade e que seus pesquisadores têm em mente construir ferramentas conceituais para entender as questões raciais no Brasil, eles próprios serão reprodutores dessas problemáticas no processo de construção de um núcleo de estudos.

Mesmo nas universidades em que os centros têm mais espaços, eles acabam fazendo parte do gueto da universidade. Eles [NEAB's] não têm muito espaço. Às vezes eles têm autonomia, mas não tem poder. Fica sempre muito perdido. É aquele lugarzinho que se a universidade precisar dizer que desenvolve algum [núcleo] vai lá e saca um pesquisador que estuda o tema. Mas na verdade, apoio, diálogo e participação que têm

¹ Todas as vezes que utilizarmos a palavra Racismo com letra maiúscula, estaremos nos referindo à ideologia racista.

² Alguns militantes usam o termo afrodescendente para sugerir uma possível criação de um consenso e uma unidade através da idéia de tradição e ascendência africana. Em toda a trajetória do movimento negro já foram usados termos como “negros”, “afro-brasileiros” entre outros - como veremos melhor mais adiante - todavia, grande parte dos militantes e estudiosos do tema se alinha com a idéia de uma afrodescendência, e é com essa idéia que vamos trabalhar em nossos estudos.

os outros centros você não vê (Dra. Joselina da Silva, pesquisadora do CEAB. Entrevista, 2005).

Meu interesse pelo tema foi sendo construído quando me deparei com o entendimento racional das relações raciais. Para mim, o exercício de escrever sobre as nuances da ideologia racista faz problematizar a história das raças que constituem a identidade brasileira e por extensão de cada indivíduo inserido nesse contexto nacional.

...minha própria história, por exemplo, é marcada por uma transição da inconsciência de minha branquidade e meu enredamento no racismo para um despertar para ambos (...) Embora a transformação inicial tenha sido as proporções de um grande terremoto, há sempre espaço para outro temor subsequente ao abalo principal, há sempre necessidade de um novo despertar. O anti-racismo branco talvez seja uma postura que requer vigilância pela vida afora (Frankenberg, 2004, 313-314).

Minhas experiências acadêmicas pessoais me mostraram o quanto a dimensão das lutas político-raciais está incrustada nas nossas próprias relações sociais. Alguns episódios vivenciados por mim dentro da universidade, bem como o contato com a militância social negra de corte religioso, apresentada para mim por vários novos amigos cariocas, foram removendo esta “máscara branca” (Fanon, s.d.) que me impuseram por tantos anos. Uma dessas experiências – para mim a mais forte – se deu no contexto do meu primeiro trabalho como assistente de coordenação de um seminário sobre História e Cultura afrodescendente. Naquele momento, ocorreu o meu grande encantamento com as falas que apareciam nas mesas de debates como, por exemplo, as palavras de um importante líder de resistência cultural negra da Bahia, Carlos Roberto Petrovich: “Acredito em utopias. Infelizmente não sou intelectual. E os invejo. Sou negro por escolha. E cometi a ousadia de pedir ao cosmo, certa vez, uma mulher negra para viver e construir a vida na maturidade”, referindo-se à professora Vanda Machado, *Ebome de Oxum do Ilê Axé Opô Afonjá* e doutora em Pedagogia pela UFBA.³ Mas ao final daquele seminário, eu me encontrei às voltas com o despertar do que implicaria, para mim, escolher “ser negra por opção”.

A percepção de que não há lugar para duradouros encantamentos e não haverá apenas alegrias quando se trata de enfrentar o Racismo e as duras relações inter-raciais no

³ A transcrição dessa palestra está publicada em: FONSECA, Denise Pini Rosalem da (org). *Resistência e Inclusão: história, cultura e cidadania afro-descendente*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Consulado Geral dos Estados Unidos, 2003.

Brasil, atingiu-me sob a forma de um jato d'água, lançado nos olhos por um estudante negro da universidade, que me atacava por algum motivo que eu não conseguia ver. Mas eu não enxergava não só porque tinha água nos olhos, eu não enxergava também porque ali estava a minha “máscara branca” de proteção. Sem tentar me colocar na condição de vítima, e também sem discutir o mérito do gesto de hostilidade do jovem negro, aquele foi o momento da minha tomada de consciência de quão sofridas podem ser, e de fato o são, as relações inter-raciais no Brasil. Exaltado e fora de si, o jovem militante negro da PUC-Rio, por se sentir frustrado e menosprezado, me disse: “só poderia ser alguém como você”.

Alguém como eu? O que isso quer dizer? Foi naquele momento que eu compreendi que “alguém como eu” corresponde as pessoas que podem ocupar posições e estar em lugares sem qualquer forma de constrangimento e que “alguém como ele” são aquelas cujas oportunidades de fazê-lo são raras e limitadas. Foi ali que me deparei com a concretude das relações inter-raciais, conseqüência do racismo estrutural e velado nas falas dos meus pais, nas falas das minhas professoras no Colégio das Damas da Instrução Cristã de Recife e de tantas outras, que subitamente saltaram aos meus olhos na fala do rapaz que me agredia. Acredito que foi nesse momento, misto de encantamento e surpresa, que percebi que eu me deparava com o “meu tema” de pesquisa. Ali também estavam presentes muitas das pessoas com as quais eu ainda iria dividir horas de reflexão sobre este tema e embora aquela ocorrência possa parecer simples, ela começava a revelar para mim a maneira de processarmos nossas relações.

Esse episódio pessoal serve para ilustrar o quanto é relevante esta reflexão no âmbito acadêmico, pois considero importante que o trabalho em ciência parta de situações existenciais que contenham o fenômeno a ser estudado e que tenham tocado emocionalmente o pesquisador, de tal forma a não se constituir em um estudo que simplesmente “use” o Outro como fonte de dados para a realização de um mero exercício acadêmico (Ferreira, 2000). A partir daí começou a minha luta interna para compreender as limitadas verdades que me orientam. Minha militância na PUC-Rio junto aos professores na construção do Núcleo de Reflexão e Memória Afrodescendente – NIREMA- que seria um instrumento de meu ativismo social, na tentativa de combater o racismo estrutural em que vivemos dentro e fora da universidade.

Foi nesse contexto que o meu objeto de pesquisa passou a ser pensado, enquanto na vida acadêmica se dava o princípio da minha “militância” em favor da concepção e consolidação de um núcleo de estudos sobre as questões raciais na PUC-Rio. A construção desse núcleo em 2003 também não foi fácil e apesar do desejo comungado por alguns alunos e professores de que o núcleo se constituísse, as mesmas dificuldades das relações inter-raciais voltariam a se apresentar nesse processo. Ao final do primeiro semestre de existência do NIREMA, no dia três de dezembro daquele ano, o corpo docente e o discente da PUC-Rio foram convidados a participar do evento “Somando esforços e lidando com desafios”, cuja finalidade era construir uma agenda de atividades e pesquisas a serem desenvolvidas pelo núcleo. Há que se lembrar que na proposta constitucional do NIREMA está previsto o diálogo permanente entre alunos e professores e a participação do corpo discente da universidade no Conselho Diretor do núcleo. São três representações estudantis, uma para cada departamento que o compõe.

Nesta reunião os professores dos departamentos de História, Serviço Social e Sociologia e Política apresentaram suas pesquisas (...) Também expressaram suas opiniões o Núcleo de Consciência Negra Lélia Gonzalez e o Gira (Grupo Interdisciplinar de Reflexão e Ação) [Estes dois últimos, núcleos estudantis independentes].⁴

A reunião ocorreu em um auditório da universidade e diversos professores, que já mantinham pesquisas relacionadas às questões raciais nos vários departamentos, apresentaram seus trabalhos e discutiram a possibilidade de transformá-los em pesquisas ligadas ao núcleo. O Gira expressou seu desejo de começar a realizar reuniões de estudos entre os alunos interessados, sendo apoiado pelo NIREMA, como era a proposta do próprio núcleo.

Algumas tensões presentes na universidade com relação às questões raciais, nessa oportunidade, explicitaram-se abertamente pela primeira vez. O Núcleo de Consciência Negra Lélia Gonzáles, que é composto por estudantes negros - militantes dos movimentos sociais negros e ideologicamente sob forte influência da literatura afro-norte-americana -, expressaram seu desdém para com o NIREMA. A razão professada para o repúdio era que o núcleo seria composto por “pessoas brancas no exercício do poder”. Por razões semelhantes, as pesquisas apresentadas pelos professores brancos foram desqualificadas

⁴ Vide *website* do NIREMA/PUC-Rio em: <http://www.puc-rio.br/nirema/eventos/passados/desaf/index.html>. Acessado em dezembro de 2005.

pelos membros do “Lélia Gonzáles”, deixando transparecer algumas das tensões sobre as quais estamos falando. As dificuldades de se lidar com o tema racial estão permanentemente presentes quando esse é abordado. Um dos elementos centrais do exemplo narrado é a persistência da ideologia da “legitimidade pela cor”. A idéia de “raça” como diferenciação hierárquica está muito bem ilustrada nesse episódio. Em outras palavras, o que os alunos afrodescendentes pertencentes ao “Leila Gonzáles” estavam dizendo é que não desejavam mais ver as questões raciais sendo estudadas por pesquisadores brancos, historicamente associados ao exercício do poder.

Ficou claro para mim que um trabalho com questões raciais não seria jamais fácil, pois sempre esbarraria em temas, tais como: a manutenção de *status quo*, relações de poder, hierarquias sociais, apropriações ideológicas, Racismo, e muitos outros. Além disso, estava claro também que a questão da “raça” se fazia presente não só nos temas de pesquisas e debates ali levantados, mas nas próprias relações humanas entre os presentes. Para lidar com tantas tensões circunscrevemos o nosso trabalho em um sub-campo de conhecimento científico – os núcleos de estudos afro-brasileiros e suas contribuições acadêmicas e políticas.

1.2.

Um NEAB

Este trabalho se refere à história e importância de alguns núcleos de estudos afro-brasileiros de universidades do Estado do Rio de Janeiro, notadamente CEAA, CEAB e NIREMA. Mesmo cientes da importância do PROAFRO e do Núcleo da Cor, optamos em centrar este estudo nos outros três núcleos citados primeiramente, visto que não obtivemos informações suficientes no PROAFRO para incluí-lo nesta pesquisa e o nosso contato com o Núcleo da Cor nos mostrou que o enfoque desse último era mais voltado para políticas de incentivo, sem a menor pretensão de qualquer tipo de militância. Como já dissemos, nosso interesse por esse tema se originou durante a organização do seminário Resistência e Inclusão – Encontro de Memória e História dos Afro-Brasileiros e Afro-Norte-Americanos e na construção do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente - NIREMA da Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio de Janeiro – PUC-Rio, dos quais participamos a partir de meados de 2002.

A partir daquele evento, a percepção de que havia uma forte demanda por uma discussão mais atualizada sobre relações raciais nas universidades – no contexto da própria sociedade brasileira – e na PUC-Rio, em particular, levou à construção do NIREMA/PUC-Rio em junho de 2003. Esse núcleo atua hoje como um nicho de pesquisa interdisciplinar; propondo e implementando projetos sobre diversos temas que dizem respeito à situação dos afrodescendentes no Brasil atual, em alguns casos de forma comparada.

Os estudos africanos e afro-brasileiros têm exercido um grande papel na reconceitualização da identidade brasileira – cortada pela questão racial – e na construção de uma população afrodescendente mais consciente de sua importância histórica. Os estudos africanos no Brasil se iniciam no começo do século XX com o trabalho do médico Raimundo Nina Rodrigues – dentro de uma visão evolucionista –, continuando pelas mãos de outros cientistas, nas décadas subsequentes, e a partir de outras premissas, a exemplo dos estudos de Arthur Ramos, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Costa Pinto, Guerreiro Ramos, Oracy Nogueira e outros.

A criação de centros de estudos africanos no Brasil é datada do final da década de sessenta. Esses carregam na gênese da sua criação os estudos da relação África/Brasil, tendo como referência norteadora a maior consciência do povo brasileiro em geral, e dos afro-brasileiros em particular, dos significados que os africanos e seus descendentes tiveram, e têm na formação da identidade nacional brasileira.

Desde então, foram construídos diversos núcleos de estudos afro-brasileiros, vinculados às grandes instituições acadêmicas, com extensos acervos bibliográficos, que contribuíram de forma sólida e abalizada para a consolidação e difusão dos estudos africanos e afrodescendentes no país.

Esses núcleos representam hoje uma instância acadêmica de construção de conhecimento coletivo sobre a população negra, que articula os múltiplos discursos sobre relações raciais que existem na academia e promove, através das suas atividades e publicações, a concretização desses discursos.

Concebidos desde a década de 1960, esses núcleos foram criados, na sua maioria, no início da década de 1970, a exemplo do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, CEAA, Rio de Janeiro. Uma década depois, seus interesses políticos e institucionais mudaram e a

partir da década de 1980 surgiu um maior interesse em estudar principalmente os afro-brasileiros, desenfazendo os estudos africanos e consolidando, desta maneira, o formato dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB’s.

É importante notar que, nesse momento, o perfil dos núcleos começa a mudar com a participação de pesquisadores negros atuando como profissionais de pesquisa e não só como representantes da militância social negra – como ocorria durante a década de 1970.

Os grupos acadêmicos negros contemporâneos são formados majoritariamente pela nova geração de pesquisadores negros. Portanto, houve um deslocamento na gestão de poder de conhecimento (Malomalo, 2005, 7).⁵

É nesse momento também que se torna possível perceber as duas possibilidades que coexistem nos núcleos, em termos de lócus de enunciação: o da militância e o acadêmico.

Aqui vale destacar o papel da militância dentro da academia. Podemos considerar estes personagens como “intelectuais engajados”, que segundo a definição de Edward Said:

o intelectual tem de circular, tem de encontrar espaço para enfrentar e retrucar a autoridade e o poder, pois a subserviência inquestionável à autoridade no mundo de hoje é uma das maiores ameaças a uma vida intelectual

Diante da ameaça de se filiar a uma instituição e ter seu pensamento e ideais restritos às normas desta, cabe ao intelectual adotar uma postura de amador, ou seja, de alguém que ao se considerar um membro pensante e preocupado com uma sociedade, empenha-se em levantar questões morais em vez de apenas dizer o que deve ser feito. Deve ainda perguntar-se por que faz isso, quem se beneficia disso e como é possível relacionar essa atitude com um projeto pessoal e pensamentos originais, sem se esquecer da questão primordial que deve colocar para si ao assumir este compromisso: para quê fala à sua audiência.

Sob esse aspecto, o “intelectual engajado” acaba sendo um elo entre a academia e os movimentos fora dela, incluindo o militante. O objetivo do intelectual engajado é promover a liberdade humana e o conhecimento e, apesar de estar conectado ao seu tempo e de ser consciente da massificação da sociedade, materializada pela indústria de

⁵ Agradeço ao pesquisador Bas’Ilele Malomalo que me permitiu ter acesso à sua produção antes mesmo da sua publicação.

informação ou pelos meios de comunicação, sua ação depende de um certo ceticismo, comprometido e devotado à investigação racional e ao juízo moral. Por esta razão, sua postura também envolve uma batalha complexa entre seus dilemas pessoais e o seu papel público de contestar a realidade, as imagens, narrativas oficiais, justificações do poder que os meios de comunicação e correntes de pensamento mantêm e autorizam e pelas mesmas razões os intelectuais não podem ser confundidos com funcionários anônimos ou burocratas solícitos a serviço de uma determinada corrente.

Sartre, em “Que é a Literatura?”, diz que o intelectual é alguém que está igualmente sujeito às exigências da sociedade e às modificações substanciais na sua condição social como integrante de um grupo distinto. A especialização é a fonte de todas as pressões que o intelectual sofre, principalmente se entendermos a construção do conhecimento como apropriação de teorias e metodologias impessoais ou, em outras palavras, como o sujeitamento ao território certo. A agenda dos países determina o trabalho da comunidade científica e das pesquisas acadêmicas, o culto da expertise e dos peritos credenciados, o sistema de recompensas dado pelo governo também corroboram a morte lenta do prazer da descoberta e do arrebatamento intelectual.

Tendo isso em vista, fica claro que coexistência nem sempre é pacífica e isenta de tensões de diversas ordens: ideológicas, institucionais e econômicas. Cada núcleo tem, devido à sua formação e à sua história no interior de cada universidade, formatos diferenciados. Não podemos esquecer que, por ser uma instância de construção coletiva de conhecimento, neles estão presentes interesses individuais e coletivos, o que os torna susceptíveis a se constituírem como espaço de luta de poder e de conflitos simbólicos, ou seja, um campo de batalhas políticas e ideológicas.

Sabemos que produção e difusão de conhecimento implicam em jogos de poder. Conhecimento é uma das ferramentas de uma luta de poder de “longa duração” (Braudel, 1992). Segundo Malomalo:

... a produção e difusão dos saberes científicos implicam um jogo de poder. O conhecimento é poder. Isto quer dizer que o campo científico envolve uma luta de poder simbólico, cada agência de produção do conhecimento procura impor sua visão do mundo (Malomalo, 2005, 6).

Posto isso, mais se justifica o nosso interesse em conhecer como se deu a história dos NEAB's, em particular na cidade do Rio de Janeiro, uma das mais populosas cidades

negras das Américas. Interessa saber como se dão as trocas e as tensões desses núcleos com os movimentos sociais negros. Da mesma maneira é importante compreender como na prática as atividades e as publicações desses núcleos poderiam contribuir para combater o Racismo e fortalecer uma consciência de identidade afrodescendente.

Entendemos que os núcleos de estudos constituem espaços privilegiados nas universidades para o debate entre os corpos discente e docente. Com o intuito de promover discussões sobre a população negra e sua posição na sociedade, os NEAB's acabam sendo um lócus de interação com outras formas de movimentos sociais, em que a perspectiva negra tem valores próprios: tradições religiosas, culturais, ambientais, políticas, etc. Além do mais, esses espaços congregam pesquisadores de diversos departamentos que, com o passar do tempo, acabam por levar de regresso aos seus departamentos de origem as discussões, conteúdos e categorias com as quais esses núcleos operam.

Diante disso, percebemos então que os NEAB's se configuram como espaços de produção de conhecimento coletivo. Em outras palavras, os núcleos são um sub-campo do campo de conhecimento científico no interior da universidade.

Nosso trabalho, portanto, será o de historicizar esses núcleos, e através dessa história entender o alcance e os limites de seu trabalho no que se refere à construção de ferramentas que possam servir ao combate do Racismo.

As questões que norteiam nossa discussão neste trabalho são: será que este formato institucional de produção de conhecimento, ensino e extensão relativos aos conteúdos afrodescendentes brasileiros, constitui uma ferramenta efetiva para o enfrentamento do Racismo no Brasil? Até onde as discussões desenvolvidas nos NEAB's contribuem para o enfraquecimento da ideologia racista no país?

Cada um desses núcleos apresenta características próprias. Ainda que se constituam como um campo de produção de conhecimento coletivo, percebemos que a produção de cada um deles é fruto do capital cultural individual dos seus pesquisadores. Ademais, as verbas das agências de fomento governamentais e não-governamentais cumprem um papel importantíssimo na construção do acervo documental desses núcleos, bem como para o seu funcionamento e produção.

Nossa hipótese inicial é de que essas agências de produção de conhecimento coletivo enriqueceram, e enriquecem, a produção acadêmica voltada para os estudos das

relações raciais brasileiras. Através disso, esses núcleos estariam contribuindo para o enfrentamento da questão do Racismo no Brasil, na medida em que oferecem ferramentas de “empoderamento simbólico”.

Adicionalmente, pretendemos conhecer a extensão do poder e legitimidade dos próprios núcleos no interior das suas respectivas universidades. Têm sido eles reconhecidos em sua importância acadêmica e social? As evidências encontradas nesta pesquisa sugerem que a maioria dos NEAB's não foi adequadamente reconhecida e fortalecida por suas instituições de origem. Lembrando que as instituições são constituídas por corpos administrativos, docentes e discentes, podemos assumir que essa limitação dos NEAB's está ligada a uma permanência do Racismo em ações cotidianas de manutenção e preservação de poder no interior das universidades, como reflexo do que ocorre na sociedade na qual as próprias universidades se inserem.

Esses e outros questionamentos contidos neste estudo serão trabalhados à luz das experiências de três NEAB's de universidades cariocas, que constituem exemplos ilustrativos deste tema, sem pretender realizar uma pesquisa comparativa. A delimitação temporal – do início da década de 1970 aos tempos atuais – se justifica pela própria história da constituição e manutenção desses núcleos.

Buscaremos apresentar um relato histórico do que foi a criação e manutenção desses núcleos para as suas universidades, com o objetivo de encontrar os elementos adequados para uma reflexão sobre a contribuição dos NEAB's para o enfrentamento do Racismo no Brasil. Desejamos compreender como esses espaços se constroem quais as suas aspirações e como se dá seu desenvolvimento dentro do campus universitário. O fato de a limitação temporal compreender três décadas de acontecimentos, durante as quais se deram mudanças ideológicas no interior dos núcleos, tais como: uma maior ênfase em estudos sobre relações raciais no Brasil; as conquistas dos movimentos sociais negros, no que se refere às ações afirmativas e às políticas públicas de melhoria no ensino, e sobre o papel histórico das culturas negras no Brasil; não pretendemos fazer uma análise bibliográfica exaustiva, bem como não vamos nos ater a uma única referência.

Do ponto de vista conceitual, adotaremos os conceitos **Racismo**, **raça**, **identidade** e **campo científico** para sustentar nossas reflexões, no sentido de estimar a importância deste formato institucional - os núcleos afro-brasileiros de estudos acadêmicos - para o

movimento de resistência social de corte racial. Acreditamos que reflexões sobre conceitos/ideologias como esses são de extrema relevância. Esperamos com isso, que esta pesquisa possa contribuir para encontrarmos algumas respostas na busca de uma maior interação social e, por conseguinte, na construção de uma sociedade mais consciente da sua plurirraciedade e da sua rica diversidade cultural.